BULLYING NAS ESCOLAS: UM FENÔMENO RECORRENTE

REGINA SCHROEDER DOS SANTOS LIMA

RESUMO

A palavra bullying se refere a agressões físicas e verbais constantes e que machucam interna ou externamente outra pessoa. Ele pode ser causado devido a características físicas ou intelectuais das vítimas. O bullying é cada vez mais comum nos corredores, salas e pátios escolares, o que tem causado uma preocupação em pais e docentes, pois essas agressões físicas e verbais podem levar a consequências e atitudes sérias e perigosas por parte das vítimas. Em vista disso, tem sido cada vez mais importante a introdução de métodos para a erradicação do mesmo, tanto nas escolas quanto em outros ambientes. Este artigo tem como objetivo ilustrar as dificuldades enfrentadas pelas vítimas de bullying, o pensamento dos agressores e também o papel importante que a escola possui nessa situação.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; Vítimas; Agressores; Escola; Professores.

INTRODUÇÃO

A definição de bullying, de acordo com Menegotto, Pasini e Levandowski (2013), é a sequência de atos de violência física ou verbal (psicológica), que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas e é feita através de apenas um autor ou um grupo de alunos. Embora seja algo muito recorrente nas redes sociais, televisão, rádio e outras mídias, o bullying ainda pode ser considerado assíduo nas escolas brasileiras. Esses atos de agressão podem ser determinantes na formação da personalidade de um indivíduo, levando em consideração os traumas que o bullying pode trazer para crianças e adolescentes. Diferente de outros tipos de violência, o bullying normalmente acontece por um longo período de tempo, e é exatamente por esse motivo que podem causar sérios desequilíbrios emocionais.

De acordo com FANTE (2005), a tradução para a palavra bullying é:

[...] “bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angustia e sofrimento. Insultos, Intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando- os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying”. (FANTE, 2005, p.28)

A agressão física é a mais conhecida e envolve o ato de empurrar, chutar, beliscar, socar, esconder pertences pessoais, entre outros, podendo até mesmo envolver o assédio sexual. Já na agressão verbal, podemos incluir xingamentos, apelidos e importunação, de forma direta. Na forma indireta, encontramos atos de exclusão, isolamento e até mesmo a disseminação de boatos. (PIGOZI, MACHADO, 2015)

Ainda existe outro tipo de bullying, muito comum neste ano de 2020, que é o cyberbullying. Este consiste em uma forma de agressão totalmente virtual, em que os agressores se escondem atrás de contas falsas (fakes) e usam as redes sociais para menosprezar os outros, ameaçar e até mesmo enviar mensagens de ódio. A criação de contas em redes sociais facilita muito a entrada de agressores neste meio, pois apenas com um e-mail ou número de telefone, as pessoas conseguem criar contas e praticar o cyberbullying com crianças e adolescentes.

Por mais que o cyberbullying seja virtual, ele pode sim interferir nas relações escolares, haja vista que existe também uma humilhação diante dos outros alunos, podendo causar constrangimento para aquele que foi agredido ou assediado. É por isso que a escola, juntamente com a equipe de professores, pode e deve ser de grande ajuda e refúgio para as crianças e adolescentes que

sofrem cada uma dessas agressões.

Sobre o bullying, a autora Cléo Fante (2005), relatou:

[...] o comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, porafetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente ascrianças de todas as idades, em todas as escolas e em todos ospaíses do mundo" [...] (FANTE, 2005, p.168).

OS AGRESSORES

O bullying escolar possui dois tipos de protagonistas: quem sofre e quem comete. Mas o que leva um aluno, criança ou adolescente, a praticar esse tipo de agressão? Para começar, devemos levar em conta que a violência está presente nos dias de hoje, seja em jogos, filmes, séries ou até mesmo dentro da família. De acordo com Arruda e Esteve (2014), esses conteúdos violentos estão muito mais acessíveis com a ajuda da internet, além do jornalismo, que muitas vezes usam o sensacionalismo e a violência para ser mais atrativo e obter mais audiência. Os jogos mostram que quanto mais violenta for a morte do inimigo, melhor, além de fazer com que a criança ou o adolescente pense que a violência é uma ótima forma de resolver as coisas e expressar aquilo que pensa. Trazendo para ávida real, esses jogos podem trazer a ideia de que o "valentão" é melhor e mais popular, como um herói respeitado, mas aquele aluno que sofre zombaria e humilhação é um fracassado.

A pessoa que pratica o bullying também é uma vítima, já que lhe faltam valores como amizade, respeito e talvez até carinho e amor, se tornando um indivíduo egoísta e sem empatia. Algumas vezes, o agressor também sofre bullying, e está apenas a procura de pessoas mais "fracas" para descontar aquilo que é feito com ele e, de alguma forma, se sentir melhor. Quando o aluno sofre em casa ou na rua, quando é maltratado, ele também pode sentir a necessidade de se impor e de se tornar o mais forte na escola, aquele que é superior aos seus colegas e que não precisa da ajuda de ninguém. E é nesse momento que percebemos o quanto esse aluno precisa de ajuda sim, da mesma maneira que as vítimas das agressões. (ARRUDA, ESTEVES, 2014)

Outro fato é: se a criança/adolescente vê os familiares ofendendo, agredindo ou humilhando uns aos outros, como ele tratará bem os seus colegas? Principalmente na infância e na adolescência somos muito apegados ao que vemos em casa, queremos seguir o exemplo de nossos pais. Quando não existe uma boa relação de respeito e afeto no ambiente familiar, isso com certeza influencia no comportamento dos filhos, haja vista que querem ser como espelhos dos pais.

Rech et al (2013) realizou uma pesquisa de prevalência de vítimas e agressores de bullying. Sua amostra teve a participação de alunos de 11 a 14 anos, em que 1230 alunos matriculados nas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Caxias do Sul, RS, no ano de 2011 foram avaliados. Os agressores corresponderam a 7,1% e as vítimas 10,2%. Dentre os agressores, surpreendentemente, 32% se sentiram muito bem após cometer bullying, enquanto 44,2% se sentiram muito mal. 11,5% dos agressores cometem bullying várias vezes ao dia, enquanto a maior parte (79,3%) já agrediram várias vezes ao dia.

A pesquisa também mostrou que alguns agressores sentem medo depois de praticarem bullying. Uma das possíveis razões para esse medo pode ser o receio de serem descobertos, pois sabem que aquilo que fazem não é certo. Além disso, houve uma pesquisa para saber o nível de insatisfação com a imagem corporal, utilizando o Body Shape Questionnaire (BSQ), validado para adolescentes na sua versão brasileira e que mede o nível de preocupação com a forma física. Os resultados desse estudo foram, de acordo com Rech et al (2013):

[...] "Os insatisfeitos com a imagem corporal apresentaram mais do que o triplo de chances de serem vítimas (RP = 3,24 - IC = 1,99- 5,28), e quase o dobro de chan-

ces de serem agressores (RP = 1,98 - IC = 1,53-3,73) em relação aos satisfeitos. Os escolares que relataram hábitos sedentários por mais de três horas por dia apresentaram 55% mais chances de serem vítimas (RP = 1,55 - IC = 1,01-2,36) e mais do que o dobro de chances de serem agressores (RP = 2,42 - IC = 1,47-3,97) do que os escolares que dispensavam menos do que três horas por dia aos hábitos sedentários. Os meninos também apresentaram mais do que o dobro de chances (RP = 2,45 - IC = 1,42-4,24) de serem agressores em relação às meninas, assim como os escolares mais velhos (13 e 14 anos) apresentaram 86% mais chances (RP = 1,86 - IC = 1,06-3,26) de serem agressores em relação aos escolares mais novos (11 e 12 anos).” [...] (RECH et al, 2013)

Sendo assim, o pensamento que as crianças e adolescentes possuem sobre o próprio corpo também pode influenciar no seu comportamento diante o bullying escolar.

AS VÍTIMAS

O bullying sempre começa quando o agressor não aceita alguma diferença da vítima. Essas diferenças normalmente são físicas, como a altura, o peso, usa de aparelho ortodôntico ou óculos, tamanho de alguma parte do corpo e até mesmo o cheiro ou hálito do aluno. Aqueles que têm essa predisposição a praticar o bullying, sempre acharão algum motivo para insultar alguém. Isso se torna fácil quando existe um padrão de beleza na sociedade, em que certo tipo de corpo é bonito e outro tipo não, o que se tornou muita mais forte pela existência de redes sociais que incentivam a busca pelo corpo perfeito. Além da questão estética, a vítima de bullying também pode ser um alvo quando sua condição financeira não a favorece ou quando seu sotaque é diferente dos demais. A situação pode ser tão fútil a ponto do motivo do bullying ser um lanche trazido de casa que não agradou aos outros alunos, tornando a vítima uma pessoa fraca e inferior. (ARRUDA, ESTEVES, 2014)

Outra justificativa usada para menosprezar outro aluno é a sua orientação sexual, principalmente quando se trata de meninos homossexuais, por gostarem de coisas consideradas “de meninas”, sendo apelidados por nomes e substantivos pejorativos. Pode ocorrer também com alunos que seguem alguma religião diferente dos colegas ou até mesmo com aqueles que possuem algum tipo de deficiência física ou intelectual.

Segundo Neto (2005) afirma que existem facilitadores para a ocorrência do bullying no meio familiar:

[...] “Embora não haja estudos precisos sobre métodos educativos familiares que incitem ao desenvolvimento de alvos de bullying, alguns deles são identificados como facilitadores: proteção excessiva, gerando dificuldades para enfrentar os desafios e para se defender; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional aquém do aceito pelo grupo; e o papel de “bode expiatório” da família, sofrendo críticas sistemáticas e sendo responsabilizado pelas frustrações dos pais.” [...] (NETO, 2005)

Diferente do que alguns talvez pensem, o bullying não é uma brincadeira inocente. Uma brincadeira saudável ocorre quando TODOS estão rindo, estão felizes e quando ninguém se sente ofendido ou deixado de lado. Por se sentirem fracos e isolados, as vítimas de bullying sentem medo de pedir ajuda aos pais e professores, ainda mais quando os agressores se passam por amigos e tratam muito bem as vítimas perto dessas pessoas. Quando a agressão física é recorrente, é possível que apareçam hematomas e marcas pelo corpo, talvez facilitando a descoberta dos pais quanto ao bullying que o filho sofre. (ARRUDA, ESTEVE, 2014)

Porém, quando as agressões são verbais ou virtuais, os pais têm uma maior dificuldade para perceber o que os filhos sofrem, levando em consideração a sutileza que os agressores usam. É por isso que os responsáveis devem estar atentos e manter uma boa comunicação em família, para que a criança ou adolescente se sinta acolhido e possa contar o que ocorre na escola ou fora

dela.

Podemos acompanhar o resultado de um estudo realizado por Oliveira et al (2015), em que foram encontrados os seguintes dados sobre as causas de bullying com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental:

[...] “As causas do bullying não foram identificadas na maioria, com 51,2% (IC95% 48,6-53,7%); seguidas de questões relacionadas à imagem ou aparência corporal, 18,6% (IC95% 16,5-21); aparência do rosto, 16,2% (15,4%-17,1%); raça ou cor, 6,8% (IC95% 6,4-7,3);

orientação sexual, 2,9% (IC95% 2,5-3,5); religião, 2,5% (IC95% 1,9- 3,2); e região de origem, 1,7% (IC95%1,5-2)” [...] (OLIVEIRA ET al, 2015, p. 278)

Como pudemos ver, os dados indicam que (excluindo as causas não identificadas), a imagem/aparência corporal e a aparência do rosto são as causas mais recorrentes para o bullying. Isso significa que crianças e adolescentes sofrem agressões físicas e verbais simplesmente por terem um corpo ou rosto que não se encaixa nos padrões dos outros alunos. E pior ainda, a causa “raça ou cor” tem a frequência de 6,8%, o que retrata o racismo na escola, em adolescentes com menos de 16 anos. Esse fato é estarrecedor, pois notamos como as atitudes e falas racistas dos familiares e das mídias digitais afetam o pensamento de crianças e adolescentes, já que absolutamente ninguém nasce com um pensamento racista e discriminatório. São três fatores (raça, aparência corporal e rosto) que fazem parte do que a criança ou o adolescente é, mas que os outros alunos usam como motivo para humilhação e zombaria. Por que uma criança/adolescente deveria se sentir inferior simplesmente por ser quem ela é?

Infelizmente, o bullying também pode ser consequência de professores que expõem as notas dos alunos e mostram o mau desempenho escolar deles, tornando-os alvos de zombaria por parte dos outros alunos. Isso acarreta uma série de sentimentos na vítima, mas em destaque, há a insegurança que este aluno irá sentir na próxima vez que realizar uma prova ou até mesmo uma atividade em grupo. O aluno que sofre humilhação carrega consigo um sentimento de inferioridade, podendo até mesmo se sentir incapaz de ter amigos e futuramente desenvolvendo problemas psicológicos.

De acordo com Fante (2005), as consequências do bullying escolar são graves, podendo resultar na ansiedade, uma psicopatologia que pode até mesmo necessitar de um tratamento medicamentoso, em casos mais graves. A criança/adolescente que sofreu bullying se torna um adulto inseguro, descontente com sua vida, talvez com seu corpo, com seu jeito, e sente medo de se relacionar com outras pessoas. Muitos têm medo de falar, de se relacionar amorosamente e acabam se fechando em seu próprio mundo. Em contrapartida, algumas vítimas do bullying podem se tornar adultos rancorosos, até mesmo violentos, que sempre estão esperando que alguém os ofenda ou os agrida, podendo afastar pessoas do seu convívio. Além disso, as vítimas podem posteriormente se submeter a tratamentos estéticos apenas para tentar agradar outras pessoas, sentimento decorrente de tantas críticas que já recebeu sobre sua aparência. Outra coisa que pode acontecer após anos de bullying é o desenvolvimento de transtornos alimentares, como bulimia e anorexia. Quando um adolescente é muito criticado devido ao seu peso, isso pode leva-lo a ficar horas ou até dias sem comer e fazer exercícios físicos excessivamente (anorexia) ou comer compulsivamente e depois vomitar os alimentos para perder peso (bulimia). Como afirma Fante (2005), o bullying é extremamente prejudicial:

[...] O bullying é a pior forma de violência, pois suas vítimas se tornam reféns do medo, da ansiedade, angustia e raiva por não ter como se livrar da opressão, isso pode acarretar a evasão escolar, o ingresso no mundo das drogas, ou ainda formar pessoas com sérios problemas psicológicos que serão capazes de cometer qualquer tipo de

violência no presente ou futuro. [...] (FANTE, 2005)

Embora cada criança e adolescente seja única, existem alguns sinais relatados por Arruda e Esteves (2014) que servem de alerta para os pais. São eles: urinar na cama, dificuldade para dormir, falta de apetite, dores e marcas pelo corpo, bulimia/anorexia, poucos ou nenhum amigo, tentativas de suicídio, agressividade, ansiedade, medos, não querer ir para a escola, tristeza, mau desempenho escolar e atos de autoagressão. Mesmo que a criança ou adolescente diga que não está acontecendo nada de ruim, os pais e professores devem examinar a situação mais de perto quando perceberem alguns sinais desta lista.

A ESCOLA

É claro que a direção da escola e os professores não têm controle sobre o que acontece fora do ambiente escolar, mas podem encarar o bullying dentro da sala de aula. Esse processo começa pela informação, ou seja, o conhecimento sobre o que é e as consequências de se praticar o bullying.

[...] O bullying no Brasil ainda é algo muito novo e por isso professores, diretores, coordenadores, muitas vezes não o conhecem profundamente e não sabem como lidar com esse problema. Em alguns casos sem tem até materiais que falam a respeito, mas esses não chegam até os professores, cartilhas, cartazes ainda acabam ficando esquecidos nos armários e não são colocados em uso. E o conhecimento fica pelo que a mídia fala ou divulga, quando casos graves de bullying viram notícia. [...] (ARRUDA, ESTEVE, 2014)

Como muitas vezes o bullying parece uma brincadeira e é realizado de forma sutil, ele passa despercebido pelas autoridades escolares, sendo esquecido e somente lembrado quando alguma coisa grave acontece. Para realmente entender e conhecer os alunos, saber o que passa no dia-a-dia de vítimas e agressores, a coordenação e professores devem desenvolver uma relação de confiança e amizade com o aluno, deixando um espaço para ele se abrir quando for necessário. Deve-se observar quando essas brincadeiras e ofensas se tornam repetitivas e a vítima se isola dos outros alunos e sente medo de falar qualquer coisa durante as aulas, com receio de receber mais ofensas e agressões.

Por mais que os valores morais normalmente sejam ensinados e absorvidos em casa, a escola também pode ter uma parte desse papel por mostrar para as crianças/adolescentes o respeito ao próximo. Uma sugestão para isso é usar aulas livres para fazer dinâmicas com os alunos, em que eles podem dizer o que gostam um no outro, além de ministrar aulas sobre o bullying. Algumas vezes, os agressores praticam esse ato pois não sabem o efeito que suas palavras têm na vítima, pensando que ela também encara as agressões como uma brincadeira inocente.

É por isso que a informação é essencial. Quando os agressores são alertados sobre o sofrimento que seus atos podem causar, isso talvez os impeça de praticá-los. Trazer para a escola palestrantes que já sofreram ,bullying pode ser interessante para que todos os alunos desenvolvam empatia uns pelos outros. Devemos lembrar que a vítima não tem culpa de sofrer bullying, levando em conta que muitas vezes o motivo do bullying é uma característica própria do aluno (peso, altura, rosto, etc.). Sendo assim, o aluno vítima de bullying não pode pensar que o problema é ele, ou que ele tem que fazer algo para mudar sua aparência. O grande problema são os agressores que não tem ideia daquilo que fazem, cabendo aos professores e a direção da escola interferir em pensamentos e atitudes violentas.

Albino e Terêncio (2012) afirmam que o uso de vídeos e grupos de reflexão também podem ser de grande ajuda para a prevenção do bullying, porém algumas pesquisas mostraram que esse método não foi tão eficaz. Entretanto, os mesmos autores retratam outras propostas de intervenção eficientes:

[...] “Finalmente, existem as propostas

de intervenção integral: são multidisciplinares e se realizam em distintos níveis da organização do colégio, extrapolando as atividades em classe. Buscam desenvolver trabalhos em todos os âmbitos que o bullying perpassa, incluindo alunos, professores, direção, vigias, merendeiras, pais, ambiente escolar e comunidade em geral. O maior sucesso dessas modalidades de programas preventivos indica que o problema se origina, de fato, em processos amplos de interação social, e não somente na relação entre alunos. " [...] (ALBINO, TERÊNCIO, 2012)

Em uma entrevista para a Revista EF, a professora Tânia Carvalho Netto (2010) afirmou que, desde o primeiro dia de aula, os alunos devem ser avisados quanto a uma tolerância zero para o bullying nas dependências da escola. Esse deve ser um compromisso feito entre os alunos e a escola, em que os pais também devem ser informados sobre o combinado. A professora também sugere debates entre toda a equipe da escola, comunidade e alunos, para que haja uma grande disseminação do assunto e para que todos tenham o conhecimento. Os alunos também podem, sozinhos, realizar pesquisas e apresentações sobre o bullying, assim descobrirão por si próprios como o ambiente escolar pode ser agradável e feliz. (NETTO, 2010)

O corpo docente possuir conhecimento sobre o bullying é essencial para que o mesmo possa intervir caso presencie uma situação desconfortável entre alunos. Por mais que a maioria dos agressores sejam astutos e não pratiquem bullying na frente de adultos, ainda existem alguns que podem agredir na sala de aula, mostrando mais uma vez a importância de todos os professores estarem atentos a comportamentos estranhos. Um estudo feito por Silva e Rosa (2011) entrevistou alguns professores e estudantes de licenciatura, os quais trouxeram depoimentos interessantes sobre intervenções contra o bullying:

[...] "Um professor disse: "Converso, explico por que não pode agredir, e se possível, eu repreendo mesmo de voz grossa". Por sua vez, uma das professoras afirmou: "Intervenho todos os dias, todos os dias dizendo o que é bullying, quando eu vejo alguma brincadeira para menosprezar o outro, sempre reclamo. Nós temos um menino que ele é cego e mudo e eles chamavam ceguinho, ceguinho. Eu disse: por que ceguinho? Ele tem nome, o nome dele é Daniel14 e o nome dele é até bonito. Então eu chamei os pais dos meninos que o chamavam de ceguinho, conversei com os pais e os pais "acocharam" de um lado e eu "acochei" do outro e hoje os meninos não chamam mais ele de ceguinho". [...] (SILVA, ROSA, 2011)

[...] "um terceiro licenciando respondeu: "Converso com os alunos pra eles entenderem que aquilo ali não é o certo. Acho que deve haver cursos de capacitação". Por sua vez, um dos alunos de licenciatura disse: "Interviria através de diálogos com os envolvidos". Outro estudante propôs uma intervenção mais pontual, com o acionamento de profissionais do campo da Psicologia: "A bem da verdade, a intervenção seria segmentada em etapas. Reconhecido o caráter intrínseco do fenômeno da desigualdade de poder, encetaria esforços no sentido da conversa com as partes, defendendo a vítima, na tentativa de equilíbrio na relação; no entanto, como sabido, devido ao aspecto reprodutor o agressor, pode ter sido uma vítima, então é necessário investigar esses aparentes pormenores, para intervir com maior propriedade. Segundo: após intervir no sentido de cessar com os constrangimentos e violência simbólica própria do fenômeno, na busca de um equilíbrio de forças, alçaria a possibilidade de, após uma conversa com as partes, de um acompanhamento psicológico, haja vista os possíveis e prováveis traumas". [...] (SILVA, ROSA, 2011)

Diante desses depoimentos, é nítida a importância de o corpo docente obter um conhecimento sobre o bullying antes mesmo de entrar em uma sala de aula pela primeira vez. Quando o professor sabe lidar com situações específicas de agressão, os alunos agressores se sentem repreendidos e, por consequência, o bullying se torna menos re-